

Folha de S. Paulo

20/5/1984

A difícil vida de quem corta cana

ANTENOR BRAIDO

Enviado especial a Guariba

A explosão era inevitável. A vida do bóia-fria é bem pior do que eu pensava. Se as histórias que eles contavam para os repórteres, durante os três dias de greve, em Guariba, eram tristes, a realidade é muito pior. Sexta-feira, quando eles voltavam ao trabalho, depois do acordo feito com os usineiros, levantamos (o fotógrafo Ademir Barbosa e eu) de madrugada e acompanhamos um grupo de 45 bóias-frias até o canavial.

Quando o gerente do hotel me acordou eram cinco horas. Estava muito escuro e havia neblina. Fiquei muito irritado, mas levantei. No ponto de embarque dos bóias-frias, num dos bairros de Guariba, encontrei João Lopes Fernandes, um garoto, menino ainda de 16 anos. No início da conversa ele me contou que acorda todos os dias às quatro horas. Mas os preparativos para um dia de trabalho no canavial começam bem antes, ainda na noite do dia anterior.

Ele veio de Minas. Mora com vários amigos, numa casa alugada. Todas as noites é obrigado a preparar a comida para o dia seguinte. Ele mesmo cozinha e prepara a refeição: arroz, feijão (nem sempre possível por causa do preço), macarrão e ovo — carne, só muito raramente. Deixa preparado o "galo" — sacola com o facão, a lima e a refeição. Antes de partir enche o galão de água. Ainda é escuro e ele está no ponto de embarque. Chegam os colegas, depois o caminhão e começa a viagem.

Sexta-feira João Fernandes foi cortar cana na seção Bueno de Andrade, da Usina São Carlos, próximo ao centro de Motuca, um amontoado de casas pobres, encravado entre canaviais, 80 km distante de Guariba. Foram quase duas horas de viagem. Inicialmente pelo asfalto. Depois, a maior parte do tempo, por uma estrada encascalhada. Finalmente o caminhão parou no meio do canavial. De um lado, montes de cana cortada. De outro, cana queimada (as folhas) e pronta para ser cortada. Os bóias-frias descem em silêncio. Sentam-se em grupos, abrem as marmitas (nem são sete horas) e começam a fazer uma rápida refeição. É o café da manhã. Só que não tem café. É comida feita no dia anterior e fria, muito fria mesmo. Comem um pouco do que levam para o almoço — arroz, feijão, qualquer outra mistura, depois guardam a marmita novamente. Tem início o ritual da afiação dos facões. Depois, começam o corte.

Clóvis Pereira Dias, feitos, proprietário de um caminhão que todos os dias leva os bóias-frias até o canavial e fiscaliza o serviço, distribui as cinco ruas de cana para cada um. (Ainda é possível ver no canavial o sistema de corte de sete ruas, que vigorava até antes do acordo assinado quinta-feira com os usineiros. Nesse os bóias-frias tinham que carregar a cana por mais de três metros).

Antes de começar o trabalho, Clemência Dias Pereira, comenta o acordo: "Caiu do céu. Se a gente não conseguisse nada, ia morrer todo mundo de fome". A cana molhada e retorcida parece um cipóal. As ruas, tortas, mal aparecem. Começa o trabalho. O facão é leve, mas precisa de muito esforço e habilidade para manejá-lo. Um pequeno descuido pode fazer com que o facão passe pela cana e afunde numa das pernas (15 a 20 acidentes como esse acontecem por mês em uma usina, segundo Benedito Magalhães, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba).

Os bóias-frias parecem guerrilheiros. Estão cobertos de roupa. Só aparece o rosto e o facão. Depois de uma hora de trabalho percebi que os mais jovens já andavam meio curvados. Dores nas costas, entre os bóias-frias, são constantes. No meio desse grupo estava o jovem José Miguel da Silva, de 23 anos, que trabalhou até fevereiro na Volkswagen, em São Bernardo do Campo. Foi despedido, não conseguiu mais arrumar emprego e a solução foi virar bóia-fria. Miguel fez várias greves de metalúrgicos, trabalhou na Volks por duas vezes, a primeira de 80 a 81 e a segunda de 82 a 84. Como bóia-fria é a primeira greve que ele faz. Disse que valeu a pena porque "o pessoal conseguiu o que queria".

Cheque para o supermercado

Às 10 horas, todos param para o almoço. João Lopes Fernandes come o resto da comida que trouxe. Uma hora depois recomeça o trabalho estafante de novo. Antes de nova pegada, João continua contando seus problemas. Segundo ele, as usinas pagam com cheque o corte da cana. Com esse cheque os bóias-frias vão direto aos supermercados de Guariba. Existem 12 na cidade. Ali, eles pagam as compras feitas no mês anterior e deixam a que fazem no ato para o próximo mês, ficando, portanto, com dívida pendente. Se o cheque for superior à conta, o proprietário do supermercado volta troco. "Acontece — explica João — que eles são espertos. Sabem quanto a gente ganha e vão aumentando os preços das mercadorias muitas vezes para chegar até o valor do cheque. Assim, pouca coisa sobra no final do mês".

Às 14 horas, uma segunda parada para o café (que na verdade é o resto do almoço) e depois trabalham direto até as 17 horas. Durante todo o dia de serviço, a produção depende única e exclusivamente do esforço de cada um. Ganha mais quem trabalha muito mais.

No final da tarde começa a penosa volta para casa, mais 80 km. Depois de um mês assim, os bóias-frias recebiam, antes da entrada em vigor do acordo, em média de Cr\$ 100 a 150 mil. Nos últimos meses o pouco de dinheiro que sobrava era gasto para pagar as contas da Sabesp, com taxas altíssimas. Não sobra nada para roupa ou lazer.

Todo mundo fatura

Não é de se admirar que Guariba, uma cidade de 25 mil habitantes, tenha 12 supermercados, sem contar as mercearias e vendas nos bairros, que também funcionam como ponto de abastecimento dos bóias-frias. "Todo mundo ganha em cima dos bóias-frias", afirma o presidente Benedito Magalhães.

As primeiras a levar vantagem são as usinas. Durante as negociações, os usineiros, que sempre se mostraram duros e nunca sentaram para conversar com os bóias-frias, reconheciam que a situação não podia mais continuar assim.

(Página 23)